

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Litoral

Class.: 81

Data: 17 de abril de 1983

Pg.: _____

Índio branco

No início de 1971 eu estava de volta à Amazônia para completar reportagens que seriam publicadas na edição especial da revista *Realidade* (vencedora depois do Prêmio Esso de Reportagem). Uma das missões era escrever a biografia do etnólogo alemão Curt Unkel, que se transformara em Nimuendaju ao ser adotado pelos índios Apopokawa-Guarani em 1905, quando tinha apenas 22 anos de idade e dois anos de Brasil.

Nimuendaju era o nome do mais indígena dos brancos e o maior etnólogo do país. Mas só um número restrito de iniciados em Antropologia o conhecia em Belém, e em geral apenas por ouvir falar, já que seus livros ou estavam esgotados, ou publicados na Alemanha. Acabei sabendo que a mulher de Nimuendaju estava internada na Santa Casa de Misericórdia, muito doente. Fui visitá-la, mas quase nada consegui de importante para a reportagem, a não ser o reforço à convicção de que aquele alemão era mesmo muito misterioso.

A mulher não tinha a mínima idéia do que representara o seu marido, não guardando dele qualquer lembrança material. Recordava apenas eventos esparsos. Nimuendaju resolvera ficar com ela, aparentemente, por mera comodidade: ela lavava as roupas dele e cuidava de suas coisas. Por isso, incorporou-a à casa, sem jamais fazer-lhe confidências ou explicar-lhe seu trabalho.

Antes, Nimuendaju tinha sido marido de uma índia Apinayé; seu pai adotivo era o índio Arajouiroá e ela própria substituíra o cacique dos Kambokámara. Vindo para o Brasil em 1903 para participar de uma expedição ao Norte, Curt Unkel ligou-se aos índios por identidade sensorial, instintiva e de personalidade. Calado, de poucas palavras, rude até, sentia-se solto apenas na mata, entre outros índios, preocupando-se quando eles o tratavam como a um "branco qualquer". Não se deixava fotografar (o Museu Goeldi tem apenas uma foto dele) e suas relações com a burocracia oficial mantinham-se por causa dos índios.

Certa vez escreveu à diretora do Museu Nacional, Heloísa Alberto Torres, que sempre o apoiou, solicitando ajuda para os índios Kanela, com os quais convivia naquele momento: "Se possível, mande-me mais algum auxílio. Lembre-se que sou o único parente rico de 300 Kanelas pobres".

Foi, realmente, "o parente". Os Apopokawa-Guarani de São Paulo acertaram quando o batizaram com o nome de Nimuendaju, "aquele que soube abrir seu próprio caminho neste mundo e conquistar seu lugar". Curt Unkel nunca teve formação universitária, mas o contato direto, íntimo, constante e devotado, com os índios permitiu-lhe antecipar uma nova fase dos estudos etnológicos no Brasil, que só depois dele foi desenvolvida por outros alemães como ele, mas de formação acadêmica, como Herbert Baldus e Egon Schaden, mestres de uma geração de bra-

sileiros que prosseguiria o estudo dos chamados povos primitivos. Alguns missionários deram dedicação igual à de Nimuendaju, mas ele não queria converter os índios: sua pretensão, ao contrário, era tornar-se igual a eles. Por isso foi seu melhor intérprete, embora nem sempre tenha conseguido fazer o melhor por eles.

Por seus conhecimentos, Nimuendaju acabou participando de expedições de aproximação com grupos hostis (as indefectíveis "pacificações"), das quais a mais famosa foi a dos Parintin, em 1922, no rio Madeira. As tribos nunca mais voltaram a ser as mesmas, nem melhoraram em consequência do contato. A constatação vale tanto para os Parintin quanto para os Parakanan, que ele planejava contactar antes de morrer. O coração, que já dera provas de não suportar os rigores da vida na selva, parou de funcionar na tarde do dia 20 de dezembro de 1945, quando Nimuendaju lia uma carta em cima de uma cama de cipós suspensa sobre madeira. Ele poderia sobreviver mais tempo se se poupasse, mas optou pela morte na selva. E seu corpo foi sepultado na aldeia de Araribá, onde, 40 anos antes, ele abandonara sua roupagem ocidental.

O centenário de nascimento de Mimuendaju será comemorado hoje pelo Museu Goeldi, com a inauguração do busto do etnólogo e o lançamento do seu livro, clássico, sobre os Apinayé. Quem o ler constatará a dupla dimensão de Nimuendaju: um incomparável historiador da cultura primitiva, que trouxe até nós, sem a felicidade de poder garantir um entendimento respeitoso e produtivo entre os dois mundos a que pertenceu: o civilizado, que lhe foi outorgado, e o primitivo, pelo qual optou.

LACUNA

Octávio Meira e Aldebaro Klautau foram-se sem que a história ou o jornalismo tivessem podido registrar depoimentos compatíveis com a intensidade de seus desempenhos na vida paraense a partir da República Nova. Octávio Meira como o advogado das grandes causas, que sucedeu a Samuel Mac-Dowell, na passagem do antigo regime. E Aldebaro Klautau como o expoente de um certo tipo de liderança católica que germinou no país na transição que a Igreja começou a atravessar e ainda não concluiu.

Ambos escreveram pouco sobre o que fizeram. Octávio Meira deixou *Memórias de Quase Ontem*, dedicando, porém, muito mais atenção às origens genealógicas e à formação de sua família do que à sua própria participação, sobretudo como jurista e advogado. Praticamente todas as mais importantes questões da época passaram pelo seu escritório, tornando seus arquivos, bem organizados, uma fonte indispensável de consulta sobre a vida administrativa do Pará entre as décadas de 30 e 60, especialmente.

Arquivos como os de Meira e Klautau devem ser combinados com depoimentos orais e pesquisa em outras fontes, a tempo hábil, para permitir montar biografias relevantes para a reconstituição histórica do Estado, à altura dos próprios personagens.